

A Igreja como realização de um projeto divino no tempo e no espaço

The Church as the fulfillment of a divine plan in time and space

D. MAURO MAIA FRAGOSO, OSB*

CARLOS ALBERTO RIGUES PONTES**

Resumo: A proposta do presente artigo é mostrar a Igreja como projeto de Deus na História da Salvação. A plenitude da divina Revelação feita a Israel, como povo eleito por Deus, alcança seu cume no mistério da Encarnação, Paixão, Morte e Ressurreição do Verbo, quando o ser humano é introduzido na eternidade, mediante a comunhão dos santos entre os peregrinos na terra e os habitantes das mansões celestiais. Neste sentido, o templo de Jerusalém já é proposto como imagem da Igreja futura enquanto construção arquitetônica, mas sobretudo, pela reunião da assembleia, com o objetivo de prestar culto ao Deus Criador. Seguindo o percurso salvífico da humanidade, o texto aborda a intervenção de Deus na história através dos Patriarcas, dos Profetas, do Messias, dos Apóstolos, dos Santos Padres, do Clero, do Povo de Deus e, finalmente, a continuidade do Memorial instituído por Cristo como recapitulação de toda obra salvífica, realçando o fio condutor entre judaísmo e cristianismo.

* D. Mauro Maia Fragoso, OSB, é monge do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, doutorando em Geografia, na linha de Cultura e Natureza com Bolsa Nota Dez (FAPERJ); Mestre em Artes Visuais na linha de História e Crítica da Arte pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro; especialista de Educação, pela Faculdade de Filosofia de Itaperuna; graduado em Filosofia e Teologia e pós-graduado em história, pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro; diretor de patrimônio do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, professor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro; desde 2005 vem atuando como consultor do INEPAC/Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro. E-mail: maurofragoso@gmail.com

** Pe. Carlos Alberto Rigues Pontes é graduado em Filosofia e Teologia pelo Seminário Arquidiocesano de São José do Rio de Janeiro e Instituto Superior de Teologia da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Pároco da Paróquia Divino Espírito Santo, em Realengo. E-mail: pdivinoespirititosanto@hotmail.com

Palavras-chave: Deus. Revelação. História da salvação. Imagem. Cultura. Memória.

Abstract: The purpose of this article is to show the Church as God's project in the History of salvation. The fullness of divine Revelation made to Israel, as the chosen people by God, reaches its summit in the mystery of the Incarnation, Passion, Death and Resurrection of the Word, when the human being is introduced in the eviternity, through the communion of saints between pilgrims on the earth and the inhabitants of the heavenly mansions. In this sense, the Temple of Jerusalem is already proposed as image of the future Church as architectural construction, but above all, by the meeting of the Assembly, in order to worship God, the Creator. Following the salvation path of mankind, the text deals with the intervention of God in history through the Patriarchs, the Prophets, the Messiah, the Apostles, the Holy Fathers, the Clergy, the People of God and, finally, the continued Memorial instituted by Christ as a review of the whole salvation work, highlighting the common thread between Judaism and Christianity.

Keywords: God. Revelation. History of salvation. Image. Culture. Memory.

Introdução

Vincular a Igreja como projeto de Deus à História da Salvação tem por objetivo mostrar que desde sempre Deus tem para o ser humano um projeto de salvação. Deus acompanha o homem a cada momento de sua peregrinação terrena, como pode ser verificado nos relatos da *criação*, dos Patriarcas e nas *profecias* veterotestamentárias, através dos quais o Criador vai gradativamente desvelando o Seu plano de salvação até chegar à sua plenitude com a Encarnação do Filho, incriado, mas gerado à imagem do Pai. Imagem outrora plasmada em Adão e corroborada em Cristo, como restauração do plano inicial, por quem veicula a Redenção, a criação do homem novo. Redenção essa não mais confinada a Israel, mas endereçada à toda humanidade, por meio dos apóstolos que cumprem a promessa de Cristo feita a Pedro no processo constitutivo da Igreja: “As portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16,17-18). Com essas palavras Jesus demonstra que a Igreja é formada de pessoas vivas e atuantes. E acrescenta: “Eu te darei as chaves do Reino dos céus e o que ligares na terra será ligado nos céus” (Mt 16,19). Por meio dessa promessa, Cristo dá a entender que cada peregrino que participa dessa Igreja peregrina na Terra já tem o seu endereço certo da vida eterna, no glorioso Reino de Deus.

Para melhor compreensão desse processo participativo, os testemunhos de dois judeus que viveram no século XX deixaram significativa contribuição em suas respectivas obras filosóficas: Martin Buber e Edith Stein. Ambos pertencentes à denominada corrente filosófica da fenomenologia, apontam o caminho que leva a Deus, passando pelas vicissitudes humanas e o contato com as demais criaturas que igualmente foram criadas pelo Ser Supremo.

Por meio desse processo fenomenológico, a Igreja, enquanto assembleia, experimenta já aqui na terra, as alegrias celestes, vivenciadas nas diversas etapas históricas da humanidade. Deste modo, através dos séculos, Deus prepara o homem pela unidade e catolicidade, manifestadas pela hierarquia, mais particularmente na pessoa do Sumo Pontífice, vigário do Cristo, que continua presente como Senhor da História, e tem por encargo conduzir a humanidade ao reconhecimento de toda trajetória humana como história da salvação, na qual a Igreja dá continuidade à divina revelação e, onde antiga e nova aliança formam um único corpo.

A Igreja – projeto de Deus na criação e Antiga Aliança

Adentrando no mistério da Igreja, é possível utilizar uma definição eclesiológica de Santo Inácio de Antioquia, que relaciona o ser da Igreja no decurso da história. Com efeito, em sua *Carta aos magnésios* está escrito (9): “Sois Pedras do templo do Pai, preparadas para a construção de Deus Pai, alçadas para as alturas pela alavanca de Jesus Cristo, alavanca que é a Cruz, servindo-vos do Espírito Santo como de um cabo”. Por tal definição que inclui as três Pessoas da Santíssima Trindade, é possível entender que a Igreja desde sempre, passando pelo início da obra da criação, faz parte dos desígnios de Deus. Porém o projeto soteriológico se desenrola na eternidade, constituindo-se num mistério ininteligível em plenitude pela compreensão humana.

Considerada como instituição eviterna, a Igreja passa a ser uma realidade ontológica no decurso da Divina Revelação, narrada do livro do Gênesis aos Profetas, tendo Israel como povo eleito, nação santa (1Pd 2,10), passando da Antiga à Nova e definitiva Aliança proclamada pelos Evangelhos e resguardada pela Tradição. Portanto, a Igreja é uma realidade divina e está presente na humanidade como sinal do projeto de Deus para a História da salvação continuamente assistida pela divina providência e transmitida ao homem de fé em todas as etapas da História da Salvação como mistério e desígnio da Santíssima

Trindade (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 758). Em suma, o projeto de Deus encarnado na realidade humana, outro objetivo não tem senão atrair a criatura para a intimidade com seu Criador.

A Igreja no contexto da obra da criação

Segundo o *Catecismo da Igreja Católica* (n. 760), “o mundo foi criado em vista da Igreja”. Sendo assim, a Igreja fora projetada por Deus, ao criar o homem à sua imagem e semelhança. Imagem pelo mistério que seria revelado na Encarnação do Verbo, e semelhança pela infusão do Espírito que faz do homem templo de Deus. Desta forma o Ser Eterno eleva o ser finito à eternidade. Isto é, a criatura entra na eternidade divina, passando do *cronos* ao *kairós*. Do tempo cronológico, que permite a evolução do ser finito, ao tempo da graça infinita.

Ainda seguindo o mesmo número do supracitado *Catecismo*, Deus criou todas as coisas em vista de comunicar-se e de entrar em comunhão, especialmente com o homem, que coroa toda a criação. Desta forma, criando o ser humano, Deus eleva todas as coisas criadas e infunde a faculdade da razão no homem, que passa a administrar toda a obra da criação à semelhança do seu Criador. Dotado de faculdade intelectual, o homem se torna o único ser racional e capaz de conhecer a Deus. Destarte, o ser humano é elevado à semelhança divina desde os primórdios da obra da criação. Não obstante o Criador encarregar o ser humano de administrar Sua obra, Deus não o abandona. Ao contrário, vai continuamente ao seu encontro, independentemente de sua condição. Ao criar o homem à Sua imagem e semelhança, o Criador desejava que a criatura humana participasse de Sua vida divina, através do tempo e da história.

Segundo a fenomenologia de Martin Buber, essa relação do homem com a obra da criação vai além da mera condição administrativa. Mais do que um simples encargo, a obra da criação é um meio facilitador do encontro do homem com a divindade. Para Buber (2001, p. 120), somente aquele que está vinculado aos demais seres da obra da criação “está pronto para o encontro com Deus. Pois, somente ele, leva ao encontro da atualidade de Deus uma atualidade humana”. Contudo, ainda nessa mesma proposição, salienta o referido filósofo o risco de o homem apegar-se as demais criaturas esquecendo-se do Criador devido a sua incapacidade de compreender as obras de Deus (Ecl 8,17).

Seguindo o mesmo liame filosófico de Martin Buber, Edith Stein também de dedica à fenomenologia vivenciada pelo homem em seu contínuo processo de ascensão ao encontro com Deus. Em sua obra *Ser finito y Ser Eterno*, Stein (1996, p. 128) afirma que a impossibilidade da razão humana em compreender a Deus como ato puro leva a filosofia a recorrer aos *atributos* divinos para que Deus possa ser compreendido por analogia “*de imégenes finitas*”. Sendo Eterno, Deus se manifesta particularmente em dois momentos da história da salvação segundo os relatos bíblicos. Primeiro organizando o caos à medida em que o transforma em cosmos desvelando paulatinamente Seu plano da criação por meio dos patriarcas e profetas; prenunciando em figura as realidades futuras. Chegada a “plenitude dos tempos” (Gl 4,4), já então em uma segunda etapa de Sua obra, envia o Filho sob a condição humana para dar o pleno cumprimento de toda Sua obra salvífica.

A obra da criação pode ser entendida como prefiguração da Igreja que haveria de se realizar no devido tempo. Neste sentido afirma o *Catecismo da Igreja Católica* que “o mundo foi criado em vista da Igreja” (n. 760) e que “a glória de Deus consiste em que se realize a manifestação de sua bondade no mundo que foi criado” (n. 294). Desse modo, o pecado original não quebra o plano soteriológico de Deus, mas marca-o como um início decisivo no qual a história da salvação é desígnio de Deus, não por acaso ou acidente, mas porque é Sua promessa, é salvação de doar aos homens o seu amor inesgotável no mistério de sua Igreja até fazer brotar, da descendência de Eva a Redenção (Gn 3,15). Neste sentido, a *queda do homem* no paraíso resulta em uma aproximação ainda mais profunda entre Deus e a criatura. O que encontra respaldo teológico na *Constituição Sacrosanctum Concilium* (n. 2) ao afirmar que a Igreja se caracteriza por ser ao mesmo tempo,

humana e divina, visível, mas ordenada de dons invisíveis, operosa na ação e devota à contemplação, presente no mundo e, no entanto, peregrina. E isso de modo que nela o humano se ordena ao divino e a Ele se subordine, o visível ao invisível, ação, à contemplação, e o presente à cidade futura, que buscamos (*Sacrosanctum Concilium* n. 2).

Além do livre arbítrio, Deus concedeu ao homem a razão e a administração da criação. Contudo, pelo livre arbítrio, o homem sofreu sua queda no momento em que quis ser igual ao seu Criador e gestor (Gn 3,4-5). Mesmo assim Deus não o deixou à margem, mas o acompanhará ao logo de toda sua eternidade. Por decisão inteiramente livre e insondável de Sua bondade e sabedoria, o Eterno

Pai criou o mundo, decidiu elevar o homem à participação na Sua divindade, e não o abandonou por ocasião da queda de Adão. Antes, proporcionou-lhe auxílios necessários para sua salvação na perspectiva de Cristo Redentor, “que é a Imagem do Deus invisível, o primogênito de todas as criaturas” (Cl 1,15), predestinando o ser humano a reproduzir a imagem de seu Filho, a fim de que seja Ele o primogênito de uma multidão de irmãos (Rm 8,29. *Lumen Gentium*, n. 2, DS 3025. *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 293-294).

Dessa forma, a Igreja prefigurada, já desde a origem do mundo, e revelada na história do povo de Israel, na Antiga Aliança (CCE n. 759), caminha rumo à eternidade mediante os mistérios inesgotáveis de Deus em favor do homem, atualizando todos os acontecimentos da história que demonstram a ação de Deus na história através de Sua Revelação (*Lumen Gentium*, n. 2). As narrativas bíblicas narram as frequentes intervenções de Deus na contínua restauração da Aliança com o homem. Como um fenômeno cíclico e próprio da natureza criada, o homem continuamente rompe a Aliança, arrepende-se e busca o Criador, ou antes, é buscado por Ele, para a restauração da aliança. Essa é uma imagem que pode ser visualizada em diferentes relatos veterotestamentários.

No relato dos sacrifícios de Caim e Abel, ao se comprazer do sacrifício de Abel, Caim, é tomado de inveja e comete o fratricídio. Deus, consciente do derramamento do sangue de Abel, marca Caim para que sua culpa não seja repetida (Gn 4,1-16). Através desse episódio, a Escritura mostra que Deus estará sempre disposto a proteger a humanidade corrompida pela culpa do pecado original. O paraíso perdido significa o afastar-se do homem em relação a Deus. O jardim onde o Criador havia deixado o homem era ao mesmo tempo habitat da criatura e lugar de encontro onde Deus ia visitar o Seu semelhante à brisa do dia (Gn 3,8). O encontro do homem com Deus fora comprometido, mas não o encontro de Deus com o homem. Com isso a alusão ao sinal posto por Deus em Caim não deve ser entendida como um estigma. Pelo contrário, aquele sinal deve ser entendido como marca da proteção divina, a fim de alertá-lo da culpa original. Ainda no tocante relato referente ao Éden, o dia pode ser entendido como imagem da caducidade temporal a que as criaturas estão sujeitas.

Outra imagem não menos espantosa é a narrativa do dilúvio (GN 6, 5-22), onde a figura de Noé se destaca como salvador do gênero humano; a arca é apresentada como prolegômeno da Igreja e o arco-íris, sinal da renovação da Aliança. A narrativa da corrupção humana e os preparativos do dilúvio mostram o agir operoso de Deus em favor da humanidade, novamente intervindo na história da salvação.

A renovação da Aliança pode igualmente ser observada na história do Patriarca Abraão (Gn 15,17) e seu povo (Ex 19,1), na esperança da Nova Aliança que culmina na plenitude dos tempos com a Encarnação do Verbo (Mt 26,8; Hb 9,15). A manifestação do poder salvífico continua profusa ao longo de toda a Escritura.

As distintas imagens mostradas nas diversas etapas da história da salvação antecipam a realidade da Igreja peregrina, através da qual Deus recapitula diariamente toda a trajetória da humanidade mediante a oração litúrgica. Através da liturgia, Deus renova cotidianamente Sua Aliança, Se dá a conhecer por meio da Palavra e do Espírito, ao mesmo tempo em que une passado, presente e eternidade. Em uma palavra, é a comunhão dos santos, na qual tempo e espaço já não são mais necessários.

Abraão e Moisés imbuídos do múnus profético

Em Israel o vocábulo *qahal* é especialmente utilizado para designar a reunião da assembleia do povo de Deus – termo hebraico que significa assembleia convocada, reunida. No Antigo Testamento o vocábulo indica Israel como *comunidade santa, povo de Deus*, reunido para o culto e louvor do Senhor. Com a expansão do povo hebreu pela Grécia, o termo passou para o vernacular *ekklesia, ek-kalein* (chamar fora), significa *convocação*; assembleia do povo com caráter religioso, por meio da qual Deus convoca seu povo de todos os confins da terra. O termo *kirche*, derivado do *kyriaka* significa “a que pertence ao Senhor” (Ex 19; CCE n.731).

Esta convocação foi feita ao povo hebreu em vista da salvação de toda a humanidade. Deus, na sua Economia salvífica, revela-se a Abraão e com isso inicia a formação de Seu povo, segundo o relato bíblico:

Naqueles dias, o Senhor disse a Abraão: Sai da sua terra, da tua família e da casa do teu pai, e vai para a terra que eu vou te mostrar. Farei de ti um grande povo e te abençoarei, e engrandecerei o teu nome, de modo que ele se torne uma bênção. Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem, e em ti serão abençoadas todas as famílias da terra (Gn 12,1-3).

Quando Abraão deixa a sua terra dá início a uma nova etapa de sua vida, baseando-se na fidelidade a Deus e na obediência ao chamado (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 60-61, 762). Assim, cerca de dois mil anos antes de Cristo, Abraão passa a ser considerado o pai da fé por ter obedecido e posto em prática

o chamado de Deus mostrando a seu povo a salvação que lhe era reservada (GIUSSANI, 1997, p. 57-58).

Quando chama Abraão, Deus não diz onde é a terra da promessa, mas o acompanha no caminho da realização da promessa, tornando-a paulatinamente compreensível. Fala da terra, da casa e de paternidade, identificando com a realidade terrena daquele momento e daquele homem. Assim Deus leva o homem, através de sua transcendência, a aprofundar-se ainda mais na experiência transcendental. A iniciativa divina pretende inculcar no homem duas posturas: a capacidade de escutar e crer (Ibid, p. 59). Nesta experiência coloca-se o exemplo de Abraão ao pôr-se prontamente em marcha.

Com a vocação de Abraão, a história da salvação se restringirá ao povo eleito que peregrina em meio a todos os outros povos oriundos da obra da criação. A promessa de posse da terra e a descendência indicam a expansão da salvação a partir do povo eleito. A mudança da vida nômade em vida sedentária demonstra a objetividade do plano salvífico. É Deus se aproximando do homem. O Criador elevando a criatura à condição de divindade, o que não acontece em outras correntes religiosas. O povo hebreu faz uma experiência ímpar. Tem Deus que caminha com ele conduzindo-o a eternidade.

A fidelidade na escolha de Deus por Israel é inquebrável e por intermédio de Isaac passa de Abraão a Jacó. A figura de Isaac (Gn 22,1-19) aparece no relato bíblico como elemento de ligação ente duas gerações e sob duas condições extraordinárias: filho de mãe idosa e estéril; depois pedido em sacrifício. Como prefiguração da eterna e definitiva Aliança realizada em Cristo, a figura de Isaac é apresentada por duas antíteses: Cristo Filho de mãe jovem e fecunda na fé; o sacrifício não consumado na pessoa de Isaac é realizado na pessoa do Filho de Deus.

Na trama teológica, Abraão representa o marco inicial da história de Israel que se desenrola segundo a obediência. O mistério da Revelação começa a abrir-se a Israel e expande-se universalmente. A paternidade de Abraão é fecunda como Deus prometera. Abraão recebe a aprovação de Deus e é pai de muitos filhos. A fidelidade a Deus é continuada nas pessoas de Isaac e Jacó, até que “na plenitude dos tempos” é estendida à toda a humanidade por meio de Jesus Cristo.

O nascimento de Jacó (Gn 25,25) também é envolto pelo mistério divino no que diz respeito à lei natural e comutado em comércio pela venda de sua primogenitura (Gn 25, 29-34). Como no caso de Abel e Caim, a narrativa do nasci-

mento dos gêmeos Esaú e Jacó simboliza a atividade desempenhada por cada um desses quatro indivíduos: Caim e Esaú, caçadores; Abel e Jacó, pastores, imagens do Supremo Pastor. Segundo o entendimento popular, Esaú possuía a primogenitura pelo fato de ter precedido seu irmão na hora do nascimento. Contudo, Jacó pode ser o verdadeiro primogênito por ter sido gerado antes de seu irmão Esaú. Esaú gerado por último, teria que nascer primeiro para dar passagem a seu irmão primogênito que se encontrava em maior profundidade do ventre materno (AUVARD, 1894, p. 545-568; BEIGUELMAN, 2008; NAHOUM, 1974, p. 655-674). Toda essa jogada imagética tem por objetivo mostrar antecipadamente a pessoa do Filho que “na plenitude dos tempos” haveria de se Encarnar, no entanto já é o primogênito dentre os mortos por ser eterno (Col 1,18). Incriado, mas gerado no devido tempo. Portanto, anterior à eviternidade adâmica.

A Jacó, Deus promete:

Tua descendência se tornará numerosa como a poeira do solo, estenderás para o ocidente e o oriente, para o norte e para o sul, e todos os clãs da terra serão abençoados por ti e por tua descendência. Eu estou contigo e te guardarei em todo o lugar aonde fores, e te conduzirei a esta terra, porque não te abandonarei enquanto não estiver realizado o que prometi (Gn 28, 14.15).

De fato, Jacó gerou os patriarcas das doze tribos de Israel que desceram ao Egito, onde o povo hebreu se proliferou abundantemente ao longo de quatro séculos servindo aos egípcios como povo cativo, pelo pecado de ter vendido José aos ismaelitas por 20 moedas (Gn 37-55; Ex 1, 1-14). Na linha da prefiguração, José é outro personagem bíblico que aponta os mistérios da Encarnação do Verbo que foi vendido por 30 moedas (FRAGOSO, 2012, p. 239).

Vendo o sofrimento de Seu povo no cativeiro, o Criador suscitou Moisés e renovou Sua promessa feita a Abraão, Isaac e Jacó. Paulatinamente a divina Revelação vai se ampliando. Deus revela o seu nome a Moisés. Fato significativo na era veterotestamentária. Até então o Senhor não havia revelado sua identidade a Seu povo (Ex. 3, 13.14). Com esta Revelação, o Criador esclarece que Ele é o Deus que traz à existência, elevando Sua criatura do material ao transcendental; do temporal à eternidade.

Vinculadas à pessoa de Moisés estão três outras imagens da futura realidade escatológica: o êxodo, a páscoa hebraica com a imolação do cordeiro é apresentada como figura de Cristo que na instituição da Eucaristia Se apresenta como o cordeiro pascal; em segundo lugar, a prodigiosa travessia do Mar Vermelho como figura do batismo na água que jorra do lado aberto de Cristo,

tendo em vista a plenitude do culto ao único e verdadeiro Deus; e a terceira imagem, impressa nas Palavras do decálogo, figura do Verbo eterno que Se encarnou no devido tempo.

Desse modo, o Senhor instituiu Israel como “um reino de sacerdotes, uma nação santa” (Ex 19,6) como base para a implantação do reino messiânico na Pessoa de Jesus Cristo. No qual a definitiva Aliança será instaurada de uma vez por todas através da Igreja que perpetua a intimidade com Deus através da liturgia, congregando fiéis entre todos os povos, línguas e nações, segundo a visão apocalíptica de Daniel (7,17), dando continuidade ao povo de Deus nascido da promessa feita a Israel.

O Rei Davi como protótipo de Cristo

Pela boca do profeta Natã o Senhor renova mais uma vez a Aliança com Israel na pessoa do Rei Davi e sua descendência (2Sm 7). O referido capítulo do Segundo livro de Samuel relata o diálogo travado entre O Rei Davi e o Profeta Natã, que fala em nome do Deus. O debate tem como tema o propósito de Davi construir uma casa para Deus. Instruído por Deus, Natã responde a Davi que não é ele quem construirá o Templo do Senhor, que desde a travessia do deserto habitava em Tenda com tabernáculo improvisado. Imagem das realidades futuras, tal narrativa mostra a Davi que ainda não havia chegado o tempo oportuno da edificação do Santuário que seria edificado pelo seu filho, o Rei Salomão.

De fato, o Templo de Jerusalém foi construído no reinado de Salomão. O Deus de Israel, que há anos habitava em tenda, ganha o suntuoso Templo como prefiguração da Igreja universal que no século IV passaria a ter sua sede na Basílica de São João do Latrão. Por meio dessas três imagens (tenda, Templo e basílica), é veiculada a imagem da futura Jerusalém celeste. A comunhão dos santos entre aqueles que peregrinam em meio as dificuldades da vida, fato retratado na travessia do deserto; a unidade de um só povo, como os hebreus dispersos por variados povos e que periodicamente iam a Jerusalém para oferecer sacrifícios; e finalmente a basílica lateranense, estabelecida como centro de culto ao Deus que havia iniciado sua revelação a Israel, agora instalado em território alheio aos hebreus, em meio a cultura a cultura romana, mesclada de diversas outras culturas, o que efetivamente denota a universalidade do povo cristão ocupando diversos espaços em tempos distintos.

A Revelação, até então estendida a todo Israel, é centrada na pessoa de Davi, passando à sua descendência. Por ocasião da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, tal realza política será confundida com a realza escatológica.

A promessa tem uma característica fundamental no desenrolar da história da salvação, é a de ser inexaurível. Na realidade, com Davi, Deus quer mostrar que Ele dará muito mais do que a terra. Deus foi Se Revelando cada vez mais abertamente com o objetivo de elevar o homem à compreensão de sua participação na Eternidade. Dessa forma, a Revelação é realizada de maneira descendente e ascendente. É o Criador descendo até a criatura para elevá-lo às alturas. Passo a passo, a promessa divina vai se realizando e se abrindo cada vez mais: o homem vai se personificando. Na amplitude genealógica de Israel, Davi é revestido do encargo de messias.

A experiência salvífica em torno do Templo e da casa real de Davi representa a bonança para Israel. Davi, o grande conquistador do Estado cananeu de Jerusalém, translada a Arca, presença invisível de Deus. Israel reconhece em Davi o Ungido de Deus (1Sm 16,11-13) e o que defende do jugo estrangeiro, guardião do seu povo, e também verdadeiro sacerdote de Israel.

O múnus profético de pregar a Verdade

Na hagiografia profética é possível identificar a história do povo de Israel, como um povo que continuamente traiu a Aliança. O povo, outrora reunido por Deus, O traiu, quebrando a Aliança de *povo escolhido, povo de Deus, nação Santa*. Os profetas acusam Israel de ter rompido a Aliança e de ter se comportado como uma prostituta. Destarte, o grito profético era sempre um alerta a Israel que experimentava tempos de escuridão do sagrado, nos quais a religiosidade israelita tendia repetidas vezes à superficialidade do *nacionalismo*, ou da *cultura popular* (CLAVAL, 1999; 2008).

Por isso Deus suscitou o profeta Elias para ser o precursor da reação da consciência religiosa de Israel. A partir de Amós e Oséias até Jeremias e Isaías, são proclamadas sempre as exigências da monarquia divina (1Rs 18,36; 19,10).

Na hora em que se apresenta a oferenda, Elias, o profeta, aproximou-se e disse: [Senhor], Deus de Abraão, Isaac e de Israel, saiba-se hoje que tu és Deus de Israel, que sou teu servo e que foi por ordem tua que fiz todas estas coisas. Ele respondeu: Eu me consumo de ardente zelo por [Senhor] dos Exércitos. Porque os israelitas abandonaram tua Aliança, derrubaram teus altares e mataram teus profetas à espada. Fiquei somente eu e procurem tirar-me a vida (SCHNEIDER, 2001, p. 225).

Assim, os profetas continuamente apontavam uma época de decadência moral e religiosa. Por isso eles assumem tanto a missão de transmitir o oráculo divino (Am 1,9ss), quanto a de recordar a eleição de Israel como “povo de Deus”: “Quando Israel era menino, eu o amei e do Egito chamei meu filho” (Os 11,1).

Em 587 não havia mais rei, o Templo fora destruído e os profetas eram os mediadores da Palavra. É com Ezequiel que a esperança messiânica se vincula a Davi e liga a promessa e a Aliança com Israel, continuamente rompida pelo povo e continuamente restaurada por Deus.

A partir dessas rupturas, os profetas exílicos abrem o coração de Israel à esperança na divina libertação, selada por uma Nova Aliança que é fundamento da glória futura de Sião (Ez 1,3ss). Deus realizará o milagre da ressurreição da vida (Ez 37,1ss).

Deus é o criador do universo, eterno e onipotente como nos feitos do passado, na criação, com Abraão, Moisés e Davi. E misteriosa é a providência divina. O “povo eleito”, com sua humilde origem cananéia continua sendo da predileção de Deus. E por Israel, Deus cumprirá sua promessa de ser o Senhor, único e universal, criador transcendente, Deus justo e salvador para todas as nações (Is 45,12ss; *Catecismo da Igreja Católica*, n.762).

O Deutero-Isaias traz a mensagem de consolação. Deus não desampara o seu povo. E por surpresa, Ciro, o rei persa, é o libertador do cativo iniciado com Nabucodonosor. Com a liberdade concedida por Ciro, inicia um novo período na história de Israel trazendo os esforços da restauração nas imagens da comunidade de culto, congregação do Senhor, cidade santa, Jerusalém e Sião (SCHNEIDER, 2001, p. 293).

Todavia não se apaga a libertação apesar de um sistema régio. E um messianismo através da vinda de um messias que se entrega pela culpa de muitos, como diz o profeta Isaias: “O Senhor quis esmagá-los pelo sofrimento, porém, se ele oferece a sua vida como sacrifício expiatório, certamente verá uma descendência que prolongará seus dias e por meio dele o desígnio de Deus triunfará” (Is 53,10).

No ano 400 a.C. o ministério sacerdotal é fonte para a sacralidade e salvação de Israel. Mas o projeto é frustrado pelos sacerdotes que profanam o Templo. E no Deutero-Zacarias, volta-se para o Deus justo que traz a paz. “Eis que teu rei vem montado em um jumento”. No Trito-Zacarias, passagens enigmáticas relacionam-se a um pastor: “ferirei o pastor, de forma que as ovelhas se dispersarão”, (Zc 13, 7). Em 520 a.C., ocorre a reconstrução do Templo.

Fato significativo para a vinda do Messias e o tempo da salvação. E Zorobabel cumpre a profecia real davídica. Erige o Templo e a casta sacerdotal. No Trito -Isaías, 530 a.C., há a consciência de ser profeta messiânico, no que diz respeito àquele sobre o qual está o Espírito de Deus, (Is 61,1; Lc 4,16), “O espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu”, “a proclamar um ano aceitável ao Senhor e um dia de vingança do nosso Deus” (SCHNEIDER, 2001, p. 234 e 235).

Os planos de Salvação abrem-se para uma nova etapa da Revelação de Deus na história da salvação. A congregação do povo de Israel será o protótipo de um novo povo, de uma salvação total e universal, que na história da humanidade culminará com a Encarnação do Verbo, no qual toda a história será recapitulada.

A Igreja fundada por Cristo na plenitude dos tempos

Na plenitude dos tempos, quando já havia transcorrido séculos e o desenrolar dos tempos que Deus estabelecera para a história da salvação, aprouve-Lhe restaurar no Seu Cristo a humanidade e reuni-la sob um único chefe (Ef 1,1-23). Cristo regenera e reúne sob a própria autoridade o mundo inteiro, os judeus e os gentios, para levá-los a Deus Pai em conformidade com o Espírito Santo. No dizer de Santo Inácio de Antioquia (2014, p. 22), era o divino se manifestando sob forma humana para restaurar todas as coisas, começando então “a cumprir-se o plano preparado da mente de Deus”.

Pela Igreja, Corpo Místico de Cristo, denota-se que esta regeneração e reunião abrange todo o mundo, renovado pela ação redentora de Cristo a *Plenitude sem limites*, formando assim com a humanidade um só corpo, no qual Ele é a cabeça e que reúne seus membros em um só corpo. Donde deriva o Mistério do Divino Plano da Salvação e da Igreja.

Coube ao Filho realizar, na plenitude dos tempos, o plano de salvação desejado pelo Pai (*Catecismo da Igreja Católica* n.763). Isto elucida também o Prólogo do Evangelho de São João que diz: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós e nós vimos sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único cheio de graça e de verdade” (Jo 1,1). E o verbo eternamente gerado de Deus Pai, é o “Eu-Sou” que se revela a Moisés na sarça (Ex 3,14-15, Jo 8,24) e resplandecendo a mesma glória do Pai realiza

nele a nova Aliança na qual assegura a Salvação do “Povo de Deus” (Ex 34,9). É o Emmanuel, “Deus conosco”, anunciado por Isaías: “Pois sabeis que o Senhor mesmo vos dará um sinal: Eis que a jovem concebeu e dará à luz um filho e se chamará Emmanuel” (Is 7,14).

Em Cristo se dá a Plenitude da Revelação e é continuada, na história, pela Igreja. Na encarnação está presente, desde então, a Recapitulação de toda a história da salvação. Deus, que agora, na economia da salvação, se revela trino, envia o seu Verbo (Filho) para recapitular toda a história humana, levando-a à plenitude, à participação na Sua divindade. Juntamente com mistério da encarnação, revela-se o mistério da Trindade: o Filho é enviado pelo Pai através do Espírito Santo.

Encarnação e seu significado salvífico

Em Jesus, o Verbo encarnado, o tempo torna-se dimensão de Deus, que em si mesmo é eterno. É o extraordinário mistério da Encarnação que a Igreja ensina e não um evento qualquer. Porque revela algo maior. Enquanto nas outras religiões é o homem que procura Deus, no cristianismo é Deus que se revela e procura o homem no tempo e na história. “É o Verbo que se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). Ele tinha a condição divina, mas assumiu a condição de servo, tornando-se homem. O grande mistério é este: Cristo se manifestou na carne humana. Não é algo, mas a salvação agora é alguém, Jesus Cristo. O tempo para o cristianismo será fundamental, ele terá o seu marco, a sua referência no nascimento de Cristo, que é o seu centro. A história divide-se em dois pontos: antes de Cristo e depois de Cristo. O calendário cristão não conta o seu tempo de um ponto inicial da criação, ou de outra forma qualquer. Mas do ponto central, que é a Encarnação, e desse partir-se-á para o passado ou para o futuro.

Mais do que uma simples convenção histórica, constitui-se um critério teológico. A Encarnação de fato é o centro do tempo e da história, é o seu significado e o seu valor salvífico. Agora de outra forma os eventos históricos, sejam anteriores ou posteriores, são todos direcionados a algo que de fato mudou a história. A Pessoa de Cristo difere de outras pessoas. O tempo torna-se assim condição de possibilidade salvífica para a humanidade e para o mundo. Pela Encarnação a história deixa de ser profana e torna-se sagrada pela sua plena manifestação (ROSENDAHL, 2009; 2010). Esta perspectiva esclarece, sobre o prisma temporal, a criação operada por Deus no início e o desembocar de cada

cumprimento em Deus no fim dos tempos, os eventos históricos do povo de Israel e as obras de Jesus, dos seus apóstolos e da sua Igreja.

A centralidade do evento cristocêntrico fundamenta-se no fato de que em Jesus a revelação de Deus Pai se dá, definitivamente, através do Filho que assume materialmente a imagem do Pai e a semelhança pelo Espírito Santo, pois no Filho Encarnado “habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2,9). Diferentemente de outras religiões, nas quais o tempo opõe-se a Deus, na soteriologia cristã, o tempo será o meio pelo qual Deus serve-se para encarnar-se, revelar-se e dar sua graça. De forma cíclica e repetida o tempo passa a ser linear e espiral, indicando tempo de salvação. Sendo assim, forma-se na pessoa de Cristo a imagem da salvação, que é exercida sucessivamente no tempo, e as suas funções histórico-salvíficas (JOÃO PAULO II, 1999).

Sustentada pela fé, a Igreja continua no tempo a proclamação de Jesus, na firme convicção de que o Cristo “morto e ressuscitado para todos, pode oferecer ao homem, por seu Espírito, a luz e as forças que lhe permitirão corresponder à sua vocação suprema. Que o centro e o fim de toda a história humana se encontram no seu Senhor e Mestre, Jesus Cristo” (*Gaudium et Spes*, n. 6), Desse modo a fé cristã se funda não em verdades ou sistemas, mas em alguém, Jesus Cristo.

Igreja formada por Cristo nos apóstolos

Segundo documento conciliar, “o Senhor Jesus iniciou a Igreja pregando a boa nova, o advento do Reino de Deus prometido nas Escrituras” (*Lumen Gentium*, n. 5). O germe e o começo do Reino são o “Pequeno rebanho” (Lc 12,32) dos que Jesus veio convocar em torno de si e dos quais ele mesmo é Pastor (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 764). Jesus, através do exercício do Seu múnus pastoral, anúncio do Seu reino, Suas obras, Seus milagres e, principalmente, pela sua própria Pessoa, revelou-se plenamente (Mc 4,14, 10,45; Lc 11,20, Mt 12,28). Depois de haver sofrido a morte na cruz pelos homens, ressuscitando, apareceu constituído Senhor, Messias e Sacerdote eterno (At 2,36; Hb 5,6; 7,17-21).

Parte do múnus de Jesus foi formar os apóstolos para exercer a missão iniciada por Ele. Neste sentido, o testemunho dos Apóstolos e a tradição patristica constituem as bases pelas quais a Igreja caminha. Com isso ela não para com o evento Cristo, mas se propaga na história quando, por meio dos Apóstolos, é

levada a cumprir o que Cristo fundou com suas próprias palavras. Como disse a Pedro: “As portas do inferno não prevalecerão contra” minha Igreja (Mt 16,18). Segundo o *Catecismo da Igreja Católica* (n. 765), “O Senhor dotou sua comunidade de uma estrutura que permanecerá até a plena consumação do reino. A escolha dos doze, tendo Pedro como chefe, representa as doze tribos de Israel. Eles são as pedras de fundação da Nova Jerusalém. E estes participam da missão de Cristo”. Por meio da referida citação observa-se as bases judaicas como fundamento do cristianismo e sua intrínseca unidade. Mostrando que Cristo “não veio para abolir a Lei e os Profetas, mas para dar-lhes pleno cumprimento” (Mt 5,17).

A Igreja não foi fundada por Cristo como uma realidade de curta duração, mas está apoiada no depósito da fé deixado por Ele através dos Apóstolos e baseada na experiência que os mesmos tiveram com o Mestre. Segundo Giusani (2004, p. 32) há quem fale de Cristo “como se fosse apenas um fato da história”. Esses não se dão conta de que para que haja religiosidade é necessário que haja antes a tradição cultural sobre a qual florescem as demais manifestações sociais (CORRÊA & ROSENDAHL, 1999; 2002).

Assim, a Igreja nasce do anúncio profético transmitido pela cultura hebraica e continua sua trajetória mediante diferentes culturas. Jesus “não se comunicou apenas ao círculo restrito dos discípulos, mas espalhou-se por todo o mundo antigo, gerou em si novas civilizações, novas nações, novos homens e, sem parar, continua hoje a revelar-se como vida inexaurível e ininterrupta” (ADAM, 1962, p. 57-58). Apresentou-se como notícia, o anúncio de Deus, do mistério que se fez “carne”, presença integralmente humana (GIUSSANI, 2004, p. 40). Ele podia responder, corrigir; era uma realidade objetiva que educava a subjetividade humana. “Muitos desejavam ver Jesus, e ele não conseguia ir a todos os lugares. Então começou a enviar aos vilarejos, aonde Ele não podia chegar aqueles que o seguiam mais de perto” (Ibid, p. 42). “Quem vos ouve a mim ouve, quem vos despreza a mim despreza e quem me despreza, despreza aquele que me enviou” (Lc 10,16). Jesus é um com o Pai na sua missão salvadora; a continuidade histórica dessa missão será encargo de Seus Apóstolos, que são um com Cristo. Essa identificação do Mestre com seus Apóstolos e vice-versa, pode ser entendida como verdadeira forma de transmitir aqueles mesmos gestos, palavras e obras que levaram à salvação a todos.

Segundo a tradição apostólica as mesmas experiências que tiveram os primeiros Apóstolos são transmitidas ininterruptamente mediante o culto à Trindade, pela Pessoa de Jesus Cristo na unidade de fé. É o *Depositum fidei*

que corresponde a dar continuidade à fé que os cristãos do passado receberam e continuam a transmiti-lo. A partir dessa tradição é possível retratar a Igreja peregrina como “povo de Deus” ou “Corpo misterioso de Cristo” que a instituiu como memorial do mistério de Sua Encarnação culminado em Sua Paixão, Morte e Ressurreição.

Pedro – a pedra escolhida por Cristo para edificação da Igreja

Jesus, em união com Pai e o Espírito Santo, funda a Igreja estabelecendo de uma vez por todas a nova e eterna Aliança na plenitude dos tempos e da divina Revelação. Foi Seu desejo fundá-la, confiando-a posteriormente aos Apóstolos, e, de forma especial, a Pedro. Quem dentre os doze, fora escolhido como a pedra de fundação. Cristo funda a Igreja divina e a confia a um ser humano (Mt 16, 13-19).

Jesus ao confiar Seu rebanho a Pedro Se vale do termo equivalente a assembleia, frequentemente usado na literatura veterotestamentária e no evangelho segundo São Mateus (Mt 16,19; 18,17). Ao longo da cristandade o termo Igreja se confunde ao ser empregado ora em referência ao templo, ora à assembleia. Na reforma empreendida pelo Concílio Vaticano II, os documentos conciliares enfatizam o termo assembleia ao referir-se à reunião do povo para o culto litúrgico, fazendo-o em memória de Cristo que é a cabeça do Corpo Místico. Já o termo Igreja, propriamente dito, é mais recorrente ao se tratar do templo, como estrutura arquitetônica, ou das questões administrativas pertinentes ao governo temporal do patrimônio material eclesiástico. Mesclando os conceitos de assembleia e templo, Pedro funde a metáfora na qual os cristãos são comparados às pedras vivas utilizadas na construção de um edifício espiritual (1Pd 2,5).

Na literatura neotestamentária, a investidura de Pedro como príncipe dos Apóstolos tem significado de abrangência universal. O Primado de Pedro é fundamental para a unidade da Igreja que mantém sua sucessão na cátedra de São João do Latrão, como Mãe e Cabeça de todas as Igrejas de Roma e do Mundo.

A finalidade da Igreja

Antiga e Nova Aliança são estabelecidas na história salvação levando os fiéis a crer que a finalidade última da Igreja no mundo é ser a crescente intimidade com Deus, conforme o corroborado pelo *Catecismo da Igreja Católica* (n.775)

“Ser sacramento da União íntima dos homens com Deus”. A finalidade da Igreja no mundo é congregar o rebanho conquistado por Cristo, fazendo desses fiéis “a alma do mundo” (*Carta a Diogneto*, 5-6), por meio dos quais Deus se revela à toda humanidade através da Igreja visível e adornada de dons invisíveis.

Pelo sacramento do Batismo, que “é o primeiro de todos os sacramentos e a porta por onde se entra na Igreja Católica” (VIDE, 2010, X, 33), o fiel passa a pertencer ao *Corpo místico* de Cristo. Imagem pela qual os fiéis são configurados às diversas partes do corpo humano e tendo Cristo por cabeça. Assim, o corpo encarnado de Cristo é mistério no mundo com o corpo da Igreja: Corpo formado por diversos membros, à semelhança dos diversos carismas, que por sua natureza corpórea constroem a história salvífica.

A Igreja como Sacramento e Instrumento de Cristo para a Salvação

A palavra *mysterion* foi traduzida para o latim por dois termos: *mysterium* e *sacramentum*. Porém o termo *sacramentum* exprime mais o sinal visível da realidade escondida da salvação, indicada pelo termo *mistério*. Neste sentido, Cristo mesmo é o mistério da salvação, pois não existe outro mistério de Deus a não ser Cristo (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 774). Cristo é a realização plena do mistério escondido e revelado (Cl 2,2), a manifestação mais perfeita do amor de Deus pelos homens e do amor do homem para com Deus. Como afirma a *Lumen Gentium* ao tratar do mistério da Encarnação: “a natureza assumida serve ao verbo divino como instrumento vivo de salvação unindo-a indissolivelmente a ele” (*Lumen Gentium*, n. 8).

A Igreja ao celebrar cada sacramento está ligada à condição de serem estes os sinais sensíveis no meio dos homens, vividos por Cristo humanamente na terra. Leva todos os fiéis à crença de que a Igreja é de fato uma realidade visível adornada por dons invisíveis e que celebra ininterruptamente a história da salvação, desde a instituição da Eucaristia.

Considerações finais

Tendo as imagens veterotestamentárias como prefiguração das realidades futuras é possível identificar uma linha condutora no plano da Revelação, que vai se descortinando através de personagens da antiga aliança até atingir seu ápice com o mistério da Encarnação, Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo.

O Messias é esperado já não mais apenas pelo povo de Israel, mas por grande parte da humanidade. Portanto, partindo desse princípio no qual as imagens futuras são como que refletidas num espelho mostrando naquele momento do passado o que estava determinado mas não deviria ser apresentada em sua totalidade devido à incapacidade da compreensão humana. Por isso a necessidade do método paulatino da Revelação.

O livro do Gênesis (6-8) apresenta Noé como Messias aceito apenas pelo seu núcleo familiar. Essa narrativa, enfoca em primeiro plano a figura do Messias esperado por Israel. Assim como a população contemporânea de Noé não adere seu anúncio messiânico, também o povo hebreu não acolhe em massa a mensagem de Cristo, sendo essa a princípio acolhida por Seus parentes e, relativamente, um pequeno grupo de israelitas. O que mostra maior abrangência em relação a narrativa sobre Noé. Em segundo plano, Noé pode ser interpretado como imagem de Pedro pelo fato de ter sido encarregado de governar a arca, figura da barca de Pedro que igualmente navega por caudalosas e ameaçadoras águas. Ainda no tocante a referida narrativa, a água é outra figura que toma destaque no cenário. As abundantes águas que pela sua quantidade ameaçam, na cruz, em proporção ao corpo humano, se torna fonte de salvação ao jorrar do lado aberto de Cristo, como símbolo da fonte batismal.

No contexto da narrativa do sacrifício de Isaac há estreito paralelismo como o sacrifício de Cristo. Isaac carrega sobre os próprios ombros a lenha a ser consumida no seu sacrifício no qual é substituído por um cordeiro. Cristo carrega o madeiro sobre o qual se consuma o Seu sacrifício, tornando-Se ele mesmo o definitivo cordeiro pascal, comutado em pão na instituição da eucaristia.

Dentre os personagens veterotestamentários destaca-se Moisés pelas múltiplas facetas que remetem à figura do Filho de Deus. Como Deus envia Moisés para libertar Israel do cativeiro faraônico, no devido tempo envia também o Seu Filho como Salvador de toda a humanidade. Deus fala diretamente com Moisés, como sempre falara com Seu Filho. No Sinai Deus entrega a Lei a Moisés; em Nazaré o Filho Se Encarna no seio de Maria. Moisés é apresentado como messias que salva seu povo do cativeiro, imagem de Cristo que traz a salvação para todos os povos e para a eternidade. Por intervenção de Moisés o povo hebreu atravessa o Mar Vermelho, figura do lado aberto de Cristo donde jorra a fonte batismal. No deserto, o povo faminto reclama alimento a Moisés e Deus lhes dá o maná; na instituição da Eucaristia, o Filho

Se entrega aos Apóstolos sob a espécie de pão, instituindo um rito em memória de Sua Pessoa.

Pela instituição régia de Davi, temporal e limitada, é prenunciada a realza eterna e universal de Cristo que descende da genealogia davídica.

Dado o enfoque fenomenológico proposto na introdução do presente ensaio, mais do que uma simples investigação acadêmica, o texto procura mostrar que para tratar de determinados assuntos, no caso em pauta, o cristianismo, o pesquisador necessita de uma familiaridade mínima com seu objeto de estudo. O pesquisador que se propõe a analisar fatos ou dados históricos sem ter vivenciado o mínimo possível da realidade tratada incorre no risco de uma narrativa formalista e isenta de sua verdadeira essência.

Como diz o evangelista São João no prólogo de seu evangelho, “no princípio já existia a Palavra”, que é o Filho, “e a Palavra se dirigia a Deus e a Palavra era Deus” (Jo 1,1). Ao iniciar a obra da criação, Deus se manifesta foneticamente. No decurso da história, Ela passa a manifestar-Se por meios de sinais gráficos, sem contudo abandonar as manifestações orais, até que na plenitude dos tempos, envia Seu Filho que se manifesta na forma humana. Até então, Deus havia Se manifestado através de formas metafóricas, como a sarça ardente (Ex 3,2) e a brisa suave (1 Rs 19, 12). A Encarnação da Palavra em forma humana, recapitula toda a obra da criação, faz novas todas as coisas. Dessa maneira, o Filho anuncia a Boa Nova sendo Ele mesmo Palavra e Homem. Anunciando as realidades futuras, o Filho se vale de elementos da natureza material e corruptível, para expressar realidades espirituais. Portanto, o processo da divina Revelação passa da linguagem fonética e imagem literária às imagens representativas, como pode ser observado nas colunas que sustentam os arcos do claustro do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, onde as colunas podem ser interpretadas como retrato da vida futura, a comunhão dos santos, uma vez que ligam as lápides sepulcrais dos antepassados, elevando-se rumo ao céu enquanto abrem novas abóbodas em forma de árvores sob as quais caminham os vivos retratados nos blocos de cantaria que formam as referidas colunas.

Que o presente ensaio sirva de estímulo para o aprofundamento do tema proposto e ponto de partida para novas publicações tendo em vista a infinitude de enfoques pelos quais o mesmo tema pode ser abordado.



Claustro do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro
Cantaria do século XVIII

Referências

- ADAM, K. *L'essenza del cattolicesimo*, Brescia: Morcelliana, 1962.
- ANTIOQUIA, Inácio de. *Cartas de Santo Inácio de Antioquia*. Petrópolis: Vozes, 1978, 2ª. ed.
- ANTIOQUIA, Inácio de. *Cartas aos Efésios in Lecionário Monástico* Vol. V. Rio de Janeiro: Mosteiro de São Bento, 2014.
- AUVARD, A. *Traité pratique d'accouchements*. Paris: Octave Doin, 1894, p. 545-568, 3ª. ed.

- BEIGUELMAN, Bernardo. *O estudo de gêmeos*. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Genética, 2008.
- BÍBLIA *Sagrada de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA *Sagrada*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- BUBER, Martin. *Eu e tu*. São Paulo: Centauro, 2001.
- CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes, 1992.
- CLAVAL, Paul. *A Geografia cultural*. Florianópolis: UFSC, [1995] 1999.
- CLAVAL, Paul. *Religion et idéologie – perspectives géographiques*. Paris: PUPS, 2008.
- CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Geografia cultural: um século* (3). Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.
- CONSTITUIÇÃO *Dogmática Dei Verbum*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- CONSTITUIÇÃO *Dogmática Lumen Gentium*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- CONSTITUIÇÃO *Pastoral Gaudium et Spes*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- CONSTITUIÇÃO *Dogmática Sacrosanctum Concilium*, São Paulo: Paulinas, 2000.
- FRAGOSO, Mauro Maia. A História da Salvação retratada no teto da nave da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto *in Coletânea*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2011, p. 233-248.
- GALLI, A. & GRANDI, D. *História da Igreja*. São Paulo: Paulistas, 1963, 3 ed.
- GIUSSANI, Luigi. *O senso de Deus e o homem moderno: a “questão humana” e a novidade do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- _____. *Por que a Igreja*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Tertio Milênio Adveniente*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- NAHOUM, Jean Claude. Gemelidade *in* REZENDE, Jorge de. *Obstetrícia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1974, p. 655-674, 3ª. ed.
- PENIDO, Maurílio Teixeira Leite. *Iniciação Teológica: o mistério da Igreja I*. Petrópolis: Vozes, 1952.
- PIO XII. *Encíclica Mediator Dei*. São Paulo: Paulinas, s.d.
- RATZINGER, Joseph. *O novo povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1974.
- ROSENDAHL, Zeny. *Hierópolis: o sagrado e o urbano*. Rio de Janeiro: Eduerj, [1999] 2009.
- ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Trilhas do sagrado*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.
- ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.
- SCHNEIDER, Theodor. *Manual de Dogmática*. vol. 2. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. *Manual de Dogmática I*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- STEIN, Edith. *Ser finito y Ser Eterno – ensayo de una ascensión al sentido del ser*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1996.
- VIDE, Sebastião Monteiro da. *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Edusp, 2010.